

Os Risos de Ema

Henrique Anders

Obrigado Pai.

~~~~~

Agradeço à minha querida filha que perdeu tempo de brincadeiras para que eu pudesse escrever este conto.

Agradeço ao amigo Ruben Silva por me acompanhar nesta jornada.

Copyright 2015 Henrique Anders

## **Distribuído pelo Smashwords**

Este eBook está licenciado para fins não comerciais. O seu conteúdo pode ser copiado e distribuído parcial ou integralmente desde que o mesmo mantenha a sua forma original. Este conto não segue as normas do novo Acordo Ortográfico.

Para se manter a par dos últimos acontecimentos de Henrique Anders, ter acesso em primeira mão a novos lançamentos ou ainda simplesmente para dizer um olá, visite e faça **Gosto** na [página oficial do autor](#) no Facebook.

Desejo-vos uma agradável leitura.

## **Índice**

[Os Risos de Ema](#)

[Sobre o autor](#)

[Outros títulos do autor](#)

[Conecte-se comigo](#)

## Os Risos de Ema

Ali estava ela, no canto mais escuro da sala. Como sempre, apenas observava e esperava silenciosa. O capuz negro escondia os seus olhos, se é que os tivesse, jamais alguém viu. Uma mão desprovida de carne segurava na gadanha de lâmina esguia. Como tantas outras vezes, viu os ladrões a saírem disparados pelo corredor, à procura da porta da rua. Suspirou. Voltou a olhar para os dois corpos ensanguentados. Ao lado dos cadáveres já se encontravam as suas almas. Ambas estavam calmas, diferente da maioria das outras almas que travam batalhas épicas e inúteis para permanecerem junto aos seus restos. Uma delas apontou para o cortinado. A Morte moveu-se de rompante e flutuou até ficar frente àquela alma metediça. Aquilo irritou-a, não iria aceitar que uma noviça lhe desse uma ordem ou fosse o que fosse. Soprou um bafo quente e intimidador de dentro do capuz, mas a desgraçada não se moveu. Teve ainda vontade de mandá-la diretamente para o *andar de baixo*, mas antes que fizesse qualquer coisa, a maldita alma insistiu e voltou a apontar para o cortinado.

A Morte recuou lentamente. A sombra por debaixo do seu capuz fitava o olhar daquela maldita. Certamente aquela alma era a da mulher, as almas proveniente dos homens costumavam ser mais submissas. A tensão estava presente naquela sala, juntamente com o cheiro a pólvora, o par de almas, a poça de sangue e aqueles bocados de carne ali estirados. Fungou, mas cedeu. Apesar de ser a mais temida, a mais poderosa, a mais medonha e traiçoeira, também tinha os seus defeitos e a curiosidade era um deles. Dirigiu-se até ao cortinado pesado e afastou-o lentamente com a lâmina da gadanha. Viu e não se admirou. Espreitou para trás e os corpos repousavam sozinhos, as almas malditas tinham partido e partiram sem a Morte. Ousadas. Voltou a espreitar a criança. Pequena, não mais de 4 anos, o cabelo louro e encaracolado cobria-lhe os ombros e combinavam na perfeição com os seus olhos azuis de leite. Estava aterrorizada, mas durante toda aquela confusão permaneceu imóvel e assim continuava.

Aproximou-se da cara da menina e reparou que, mesmo imóvel, o seu pânico aumentou, não conseguia controlar a respiração e as narinas estavam dilatadas. A Morte ficou intrigada. – Vês-me? – Perguntou na sua voz rouca e enferrujada. Deu um salto para trás quando a menina acenou. Agora estavam ambas aterrorizadas. Jamais alguém tinha visto a Morte, pelo menos não enquanto ainda estivesse viva, e aquela criança estava definitivamente viva. Era feia como todas as outras crianças, se bem que para a Morte todos os humanos eram desprezíveis e horripelantemente feios. Criaturas repugnantes, indesejáveis, inferiores. Acompanhou-os desde os primórdios, e levou-os a todos, mesmo os mais teimosos. A sua carreira era longa, vira tudo aquilo que a sua imaginação permitira imaginar e mais ainda, mas ao fim de tanto tempo aquela criança trouxera-lhe algo novo.

– Como é possível? – Estava incrédula. – É que nunca alguém... – Pela primeira vez, gaguejou. – Quem és tu, afinal? – A Morte podia ter ido embora, mas não foi.

A menina não respondeu, o seu medo era tal que limitou-se a dilatar as narinas. Olhou para os dois corpos e então uma lágrima escorreu-lhe pela face.

– Estou a ver, eram os teus pais. – Nunca foi muito dada a sentimentos, tampouco sabia lidar com eles, a Senhora Dona Morte.

A menina acenou novamente e a Morte voltou a suspirar. Sem saber como, nem porque, compadeceu-se da pobre infeliz e levou-a consigo.

Uns disseram que ela fez mal, que não devia ter interferido no rumo natural das coisas, outros que foi o melhor que lhe podia ter acontecido, que nunca viram a Morte tão cheia de vida. Mas numa coisa, desde o andar de cima até ao andar de baixo, todos concordavam: aquela pequena trouxe algo novo, algo de lindo e de sombrio ao mesmo tempo, algo que apaziguava e fazia tremer, tudo combinado em um, o uno e o verso conectados. Assim, passaram a chamá-la de Ema.

Ema divertia-se imenso no seu novo mundo, passeava livremente por onde lhe apetecesse. A ingenuidade nunca lhe permitiu que se questionasse porque era ela a única que podia andar livremente, todos os outros da sua espécie estavam

ou em cima, ou em baixo. Uns sorriam e cantavam, outros choravam e praguejavam. Ema simplesmente ria e o seu riso era contagiante. Quer fosse a cantar, quer fosse a praguejar, todos esperavam ansiosamente pela visita da pequena de pele branca e com os seus caracóis loiros a esvoaçar. Certa feita, uma menina que praguejava deu-lhe a sua boneca. Ema amou-a por isso, beijou-a na testa, riu e partiu. A boneca era feita de pano, estava suja e chamuscada, os olhos e a boca não passavam de linhas cosidas, mas mesmo assim, era agora a sua boneca e acompanhava-a para onde quer que fosse.

O tempo passou, e a Ema nunca deixou de ser criança. A Morte amou-a desde o primeiro momento e Ema sentiu. Talvez tenha sido este amor que a fez seguir em frente ou talvez outra coisa qualquer. A verdade é que Ema nunca procurou a sua antiga mãe e não mais se separou da nova.

A Morte não podia simplesmente abandonar as suas funções, alguém tinha de o fazer. A pequena Ema passou então a presenciar todas as mortes da humanidade, fossem serenas e embaladas pelo último sono de alguém, fossem elas as mais horríveis e banhadas de sangue e violência. Ela não ligava, limitava-se a brincar, afinal era uma criança e sê-lo-ia para todo o sempre. Levava sempre a sua boneca de pano e transportava-a com todo o cuidado que uma mãe zelosa pudesse ter para com o seu bebé. Em algumas ocasiões, quando o trabalho da sua nova mãe calhava em casas com outras crianças, aproveitava para brincar com os brinquedos emprestados, fossem eles de raparigas ou de rapazes, era sempre uma festa. Chegava mesmo a brincar com algumas crianças quando estas estavam sozinhas nos seus quartos, enquanto a sua mãe esperava pacientemente pelas almas frescas, noutra qualquer parte da casa. A Morte sempre desconfiou que jamais deixaria aquele trabalho, talvez quando o mundo acabasse, mas isso nem ela sabia. Limitava-se a fazê-lo e cumpria-o na perfeição. Eram muitos os que duvidavam que alguma vez viessem a encontrar alguém à altura. Ela não mais se importava, a eternidade parecia ser já amanhã desde que Ema entrara na sua *vida*.

Os boatos davam conta de que a criança fora enviada por Deus, ou então, na pior das hipóteses, pelo próprio diabo. Aceitar que ela tinha sido obra do acaso era algo que não cabia na ideia de ninguém. Ema despertava a curiosidade.

A mãe perdeu a conta às vezes que teve de escorraçar aos pontapés quer fossem anjos, quer demónios, ambos unidos pela coscuvilhice. Ema ria, ria com o riso inocente da criança que era. A Morte não lhe conseguia ficar indiferente, e ria também, o riso da morte.

Por certo, deverá ser este o destino de Ema, rir, rir para todo o sempre.

Se algum dia os risos de uma criança ecoarem à tua volta e não a vires, talvez tenha chegado a tua hora.

###

Olá.

Obrigado por ler o meu conto. Deixe os outros leitores saberem o que achou de Os Risos de Ema, o seu comentário no site onde o adquiriu é muito importante para mim.

Obrigado e até breve.

Henrique Anders

## **Sobre o autor**

Henrique Anders nasceu em 1978, na longínqua cidade de Tuparendi no Brasil. Com 20 anos mudou-se para Portugal com parte da família, onde permanece e pretende ser sepultado.

Tem por hábito perder-se nos mais variados mundos, de onde sempre regressa carregado das coisas mais estranhas.

Na vida real, é pai da Cinderela mais linda e mora onde termina o arco-íris.

Ganha o pão como programador informático e escreve apaixonadamente sobre borboletas e amoras.



## Outros títulos do autor

Títulos já lançados, ou a serem lançados brevemente:

**As Trevas de Baltar** - Livro um da Saga Desígnios. Um mundo de fantasia espera por si.

**O Convento Esculpido** - Um conto passado no mesmo mundo de **As Trevas de Baltar**, noutro tempo, noutro contexto. Um pouco mais deste mundo de fantasia espera por si.

**O Cruz** - Ensaio de uma crónica narrativa.

**Forasteiros** - Ensaio de um conto de suspense.

**O Nectar** - Um conto onde a sanidade mental não tem lugar.

Lançamentos futuros:

**Os Dragões estão a Cantar** - Livro dois da Saga Desígnios.

**pelo meu anjo** - Drama. Até onde um pai consegue ir pelo seu filho.

## Conecte-se comigo

Venha dizer um olá, terei muito gosto em responder.

Facebook: <http://www.facebook.com/henriqueanders.autor>

Twitter: <http://twitter.com/henriqueanders>

Smashwords: <http://www.smashwords.com/profile/view/henriqueanders>

Email: [henriqueanders@gmail.com](mailto:henriqueanders@gmail.com)